

APORTES DA HERMENÊUTICA DIATÓPICA DE RAIMON PANIKKAR PARA UMA LINGUAGEM DO ENSINO RELIGIOSO

CONTRIBUTIONS OF RAIMON PANIKKAR'S DIATOPICAL HERMENEUTICS FOR A LANGUAGE OF RELIGIOUS EDUCATION

Arthur Felipe Moreira de Melo*

Resumo

Este artigo insere-se dentro da revisão bibliográfica da pesquisa de doutorado ora em andamento pela Faculdades EST, na área de concentração 'Religião e Educação'. Tem por objeto a linguagem do Ensino Religioso na escola pública. Parte de um histórico geral da linguagem do Ensino Religioso brasileiro, fazendo um paralelo com os 'três momentos' da hermenêutica no entendimento de Raimon Panikkar. O texto culmina com alguns aportes à linguagem do Ensino Religioso sugeridas no 'terceiro momento', a Hermenêutica Diatópica. O principal objetivo deste artigo é propor uma tipologia da linguagem que ofereça ao professor de Ensino Religioso a possibilidade de: 1º) um 'olhar reflexivo' quanto aos materiais didáticos e paradidáticos que estão disponíveis atualmente para este componente curricular; 2º) um aporte à reflexão docente sobre o uso da linguagem na aula de Ensino Religioso.

Palavras-chave: *Ensino Religioso, Linguagem, Hermenêutica Diatópica.*

Abstract

This paper is part of the literature review of a doctoral research now in progress at Faculdades EST, in the area of concentration 'Religion and Education'. It analyzes the language of religious education in public schools. It starts from a general history of the language of Brazilian Religious Education, by drawing a parallel with the 'three moments' of the hermeneutic understanding of Raimon Panikkar. The text culminates with some contributions to the language of Religious Education suggested by the 'third moment', the Diatopical Hermeneutics. The main objective of this paper is to propose a language typology that may provide the Religious Education teacher the possibility of: 1) a 'reflective outlook' regarding textbooks and materials that are currently available for this curricular component; 2) a contribution to teacher reflection on language use in the classroom Religious Education.

Keywords: *Religious Education, Language, Hermeneutics diatopical.*

* Licenciado em música, com habilitação em piano pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul (UFRGS/Porto Alegre), mestre em Teologia na área de concentração 'Religião e Educação' pela Escolar Superior de Teologia (EST/São Leopoldo), doutorando em Teologia na mesma área e instituição. Membro do Grupo de Pesquisa 'Currículo, Identidade Religiosa e Prática Educativa' do Programa de Pós-Graduação da EST, professor de música e pianista acompanhador pelo Instituto de Educação de Ivoti e pela Associação Pró-Cultura e Arte Ivoti.

Considerações Iniciais

Por ocasião da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 9394/96)¹, cujo Art. 33 apontava para a necessidade de uma nova epistemologia para o Ensino Religioso Escolar (ER), alguns autores sentiram a necessidade de sistematizar modelos epistemológicos sob os quais esse componente curricular estivera sendo praticado.² A ideia era olhar para trás, abastecendo-se de certa consciência histórica, para ir pensando de forma mais segura a construção de uma nova epistemologia para ER. Considerando que essa epistemologia ainda é algo inacabado, podemos dizer que mesmo hoje esses modelos teóricos nos ajudam sobremaneira. Ao mesmo tempo, tanto ontem quanto hoje, é difícil saber exatamente o que acontecia ou o que acontece naqueles cinquenta minutos semanais nos sistemas de ensino Brasil afora. Tampouco podemos falar de uma única prática de ER no país para cada período histórico. Nesse sentido, há atualmente uma nítida inclinação no tratamento do ER no Brasil em termos de suas particularidades locais, sejam históricas ou atuais, evitando assim aquelas generalizações demasiadamente afastadas das realidades regionais.

Isso não invalida a contribuição dos modelos teóricos. Já sabemos que é preciso descartar qualquer caracterização de um desenvolvimento histórico linear desses modelos. Já sabemos que variadas práticas de ER coexistiram e ainda coexistem. Ainda assim, podemos nos valer desses modelos num faz-de-conta teórico que forje certa linearidade histórica. Como em qualquer modelo teórico, o objetivo aqui será de nos ajudar a pensar melhor.

Esses modelos têm servido como parâmetro para uma prática do ER comprometida com a pluralidade e com a alteridade, oferecendo certa consciência histórica na tentativa de aprender com os erros e acertos do passado. Partiremos também, neste trabalho, desses modelos. Contudo, não adotaremos, necessariamente, os mesmos conceitos que aparecem na literatura para nos referir a práticas específicas de ER no país. Optaremos por um modelo genérico tripartido. O tentame será de caracterizar a linguagem em cada um desses

¹ BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei N. 9394/96*. Brasília: Congresso Nacional, 1996 [com atualizações referentes ao período entre a publicação e a data de acesso]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/L9394.htm>. Acesso em: 04 jul. 2012.

² Para constar, aponto dois trabalhos dedicados a esse tema: 1) PASSOS, João Décio. *Ensino Religioso – construção de uma proposta*. São Paulo: Paulinas, 2007. 2) RAMOS, Marcos Wiliam. *Modelos de Ensino Religioso: contribuições das ciências da religião para a superação da confessionalidade*. Dissertação. Belo Horizonte: 2010.

modelos, com base em princípios hermenêuticos. Nosso objetivo será de se chegar a uma tipologia da linguagem que nos ajude com a possibilidade de um olhar mais ponderado quanto à escolha dos materiais didáticos ou paradidáticos para o ER e como um aporte às reflexões sobre o uso da linguagem em sala de aula. Nesse sentido, iremos relacionar cada um dos três modelos epistemológicos adotados com os três ‘momentos hermenêuticos’, num recorte específico da obra de Raimon Paikkar.³

É preciso ainda dizer que este trabalho foi desenvolvido paralelamente a outro trabalho, cujo objetivo fora o de garimpar a produção didática e paradidática para o ER na internet.⁴ A ideia era que esses dois trabalhos tivessem uma natureza complementar. Este trabalho oferecendo uma tipologia da linguagem através do qual o material ‘garimpado’ na outra pesquisa pudesse ser organizado. O que vem a seguir pretende ser, além de um aporte à reflexão sobre a linguagem na aula de ER, uma contribuição inicial com vistas a essa análise de materiais didáticos ou paradidáticos para esse componente curricular, tarefa da qual nenhum professor hoje poderá esquivar-se. Passemos, pois, aos três modelos epistemológicos e sua relação com os ‘momentos hermenêuticos’ de Raimon Panikkar.

Os tipos linguísticos

1. *Tipo Linguístico ‘Confessional/Catequético’:*

Durante a maior parte da história brasileira o ER manteve um caráter confessional, primeiramente ligado à Igreja Católica e, posteriormente, aberto a outras denominações cristãs. Esse período estende-se desde a chegada dos primeiros jesuítas ao Brasil (1549) até, pelo menos, a reforma da educação no país, em 1971, quando da promulgação da Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (LDB – Lei nº 5692/71)⁵. Costuma-se chamar o modelo epistemológico vigente nesse período simplesmente de ‘catequético’ ou ‘confessional’. Metodologicamente, seria simplismo falar em um único modelo de ER cobrindo todo esse período. Também do ponto de vista da linguagem, é preciso reconhecer que muitas modificações se operaram à medida em que o tom coercivo gradualmente fora diminuindo. Todavia, é ainda na dimensão da linguagem e também na dimensão

³ PANIKKAR, Raimon. *Myth, faith and hermeneutics: Cross-cultural studies*. New York: Paulist Press, 1979.

⁴ O trabalho a que me refiro foi apresentado no 27º Congresso da Sociedade de Teologia e Ciências da Religião (SOTER) e consta nos anais do mesmo evento.

⁵ BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei N. 5.692*. 11 ago. 1971. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil03/leis/L5692.htm>>. Acesso em: 04 jul. 2012.

epistemológica que percebemos aspectos comuns a todo esse período. Em linhas gerais, pode-se dizer que esse ER fora baseado numa cosmovisão unirreligiosa, cujo intento era a manutenção da tradição religiosa vigente dentro de seu *locus*, ou mesmo, e nem sempre explicitamente, o proselitismo.

Podemos relacionar esse modelo com o primeiro ‘momento hermenêutico’ de Panikkar, a *hermenêutica morfológica*.⁶ Como o próprio nome sugere, essa hermenêutica restringe-se geralmente à aparência ou forma externa daquilo que interpreta. Em se tratando da abordagem de tradições religiosas distintas, pode-se dizer que a hermenêutica morfológica corresponde às ideias que herdamos por meio de nossa própria tradição sobre tradições alheias. Ela corresponde às “[...] explicações ou decifração feitas por, digamos, pais, professores, mais velhos, mais inteligentes, etc., para aqueles que ainda não tiveram acesso completo ao tesouro de significados de uma tradição em particular. Ela corresponde à leitura do texto”.⁷ Nesse momento hermenêutico já existe, sem dúvida o interesse ‘pelo outro’, mas, geralmente, só enquanto esse ‘outro’ mostra-se como uma referência de distinção em relação à minha própria identidade. Por esse motivo, essa hermenêutica dificilmente se move para além dos estereótipos.

É preciso notar que essa hermenêutica não é simples particularidade de um ER do passado ou daquelas denominações religiosas de caráter mais exclusivistas, mas um ‘momento’ por que passamos todos nós. É nesse sentido de desenvolvimento que pode ser feito um paralelo do primeiro momento histórico do ER no Brasil com esse primeiro momento hermenêutico que todos nós atravessamos. Não é um momento ‘errado’ em si mesmo, mas um momento constitutivo, cuja importância reside no fato de colocar-nos no encaixe de um próximo passo hermenêutico.

Da perspectiva da linguagem, esse momento hermenêutico só implica em prejuízo quando, justamente, impede o indivíduo de entrar em outros universos semânticos que possibilitariam uma melhor compreensão da realidade a que está exposto, bem como uma melhor compreensão de si mesmo. Esse é o risco: entender esse ‘momento’ não como ‘momento’, mas como ‘fim’ em si mesmo. É evidente que quanto mais o indivíduo demora-se dentro desse momento hermenêutico, maiores são as chances de que venha a assumir

⁶ PANIKKAR, 1979, p.8.

⁷ “[...] explanation or deciphering done by, say, parents, teachers, elders, the more intelligent, etc., for those who have not yet had full access to the treasure house of meaning in a particular culture. It is the reading of the text.” PANIKKAR, 1979, p.8.

uma linguagem monológica e que venha a adentrar em processos radicais de afirmação identidade. Nesses casos, mesmo havendo meios de acesso ao universo semântico alheio, essa aproximação é geralmente evitada, e quando não evitada, feita por razões instrumentais. No caso do ER, isso corresponde a um problema, pois reflexos desse tipo de linguagem ainda estão presentes nos materiais didáticos produzidos para esse componente curricular, ainda que na minoria dessas produções.

2. Tipo Linguístico ‘Teológico Pluralista’:

O segundo modelo epistemológico de ER que faremos menção aqui será o ‘teológico pluralista’⁸, considerado como resposta à confessionalidade estrita. Embora a Teologia não tenha atuado diretamente na seleção dos conteúdos do ER no Brasil, de forma geral, seus pressupostos regularam os objetivos do ER entre as LDBs de 1971 e 1996. Sinteticamente, nesse período houve uma abertura ao diálogo com o pluralismo moderno, o que representou um movimento de alteridade na direção dos educandos. Deslocou-se o enfoque doutrinário para uma abordagem axiológica mais inclusiva, possibilitada por meio de uma teologia pluralista.

É possível relacionar esse modelo com o segundo momento hermenêutico de Panikkar, a *hermenêutica diacrônica*.⁹ Se o primeiro momento correspondia à leitura do texto, este segundo momento corresponde ao “[...] conhecimento do contexto necessário à compreensão do texto [...]”.¹⁰ Nesse segundo momento existe uma consciência hermenêutica que entende ser preciso superar a distância temporal entre os símbolos religiosos de ontem e de hoje. “O movimento aqui é do presente ao passado, de forma a incorporá-lo, absorvê-lo ou deletá-lo”.¹¹ Há o interesse noutras tradições religiosas por se entender que é preciso conhecer para respeitar. Por isso, esse exercício hermenêutico considera que, para além dos estereótipos religiosos, é preciso olhar para a linguagem e a simbologia religiosa, seja da própria tradição, seja das tradições alheias, em seu desenvolvimento histórico. Seu método é fundamentalmente dialético.

⁸ Também se encontra na literatura a expressão ‘modelo axiológico’ como designação para esse mesmo momento histórico do ER. A expressão procura representar o preceito assumido por alguns de que o estudo dos ‘valores’ fora o denominador comum da aula de ER nesse período.

⁹ PANIKKAR, 1979, p.8.

¹⁰ “[...] knowledge of the context necessary in order to understand a text [...]”. PANIKKAR, 1979, p.8.

¹¹ “The movement here is from present to past in order to incorporate, subsume or delete it.” PANIKKAR, 1979, p. 9.

A limitação desta perspectiva inclusivista é igual à limitação de qualquer abordagem dialética: não se consegue ir além dos próprios pressupostos. No caso do ER, o risco é desconsiderar que as várias tradições religiosas representadas nos diversos alunos possam estar fundamentadas em preceitos radicalmente diferentes daqueles da própria tradição do professor. Neste ‘momento’ ainda não é possível perceber que aquilo que a mim é razoável, só o é dentro do horizonte de inteligibilidade da minha própria tradição. Cada cultura, cada tradição religiosa, em função de sua própria história, aprendeu a valorizar aspectos diferentes da realidade, e por isso mesmo, aprofundou-se, especializou-se, por assim dizer, nesses diferentes aspectos. Todavia, essas diferenças fundamentais ainda não conseguem ter ingerência na perspectiva diacrônica. Neste segundo ‘momento’ hermenêutico, uma comunhão num nível mais básico de inteligibilidade ainda não é possível. Vale lembrar que ainda hoje, esse é o tipo de linguagem mais presente, sobretudo nos livros didáticos para o ER.

3. Tipo Linguístico ‘Hermenêutico-Fenomenológico’:

Por fim, temos o terceiro e último modelo epistemológico do ER, que aqui chamaremos de modelo *hermenêutico-fenomenológico*. Considera-se que este seja, ou deva ser, o modelo atual em processo de construção.¹² É o modelo em que, sobretudo, procura-se dar conta da diversidade cultural e religiosa brasileira, fundamentando a epistemologia do ER num objeto de estudo próprio e igualmente amplo e universalmente válido: O ‘fenômeno religioso’. Esse modelo pode ser confrontado com o terceiro momento hermenêutico de Panikkar, a *hermenêutica diatópica*, cujo nome se justifica pelo fato de que:

[...] a distância a ser superada não é apenas temporal [como na hermenêutica diacrônica], dentro de uma ampla tradição, mas é uma fenda existente entre dois *topoi* (lugares) humanos de compreensão e auto-compreensão, entre duas – ou mais – culturas que não desenvolveram seus padrões de inteligibilidade ou seus axiomas básicos a partir tradições históricas compartilhadas ou através de influência mútua. [tradução nossa].¹³

¹² Nos últimos anos, esse modelo tem sido chamado de ‘modelo das Ciências da Religião’, seja pela afinidade entre as epistemologias do ER e das Ciências da Religião, seja pelo fato de que o curso de ‘Licenciatura em Ciências da Religião – Habilitação em Ensino Religioso’ esteja sendo apontado como a melhor opção de formação docente para esse componente curricular.

¹³ “[...] the distance to be overcome is not merely temporal, within one broad tradition, but the gap existing between two human *topoi*, ‘places’ of understanding and self-understanding, between two – or more – cultures that have not developed their patterns of intelligibility or their basic assumptions out of a common historical tradition or through mutual influence.” PANIKKAR, 1979, p. 9.

Nessa perspectiva, procura-se ver o outro como uma fonte singular e legítima de compreensão e auto-compreensão, isto é, a hermenêutica diatópica aceita ‘o outro’ mesmo quando o seu horizonte mais básico de inteligibilidade, além de diferir do meu, não é compreensível de imediato para mim. Pois, como diz Panikkar, “cruzar as fronteiras da própria cultura sem perceber que a outra cultura possa ter uma abordagem da realidade radicalmente diferente não é mais admissível hoje em dia.”¹⁴ O espírito deste momento hermenêutico pode ser traduzido no seguinte axioma: que o interpretado reconheça a si mesmo na interpretação.¹⁵ Parafraseando Panikkar, nesse momento hermenêutico, vai-se além do conhecimento dos vários contextos, em direção a um ‘horizonte humano último’.¹⁶ Poderíamos dizer que não é apenas o contexto mas a própria identidade do outro que é levada em conta. A linguagem nesse momento, bem além da postura dialética, expressa-se através de uma atitude dialógica onde se “[...] considera o outro [como] uma fonte igualmente original de compreensão.”¹⁷ Por sua natureza, este ‘momento’ se vale de uma linguagem não coerciva. Não implica na ingênua tentativa dos interlocutores de ocultar sua identidade religiosa, pois aí já se reconhece que ouvir ou dar espaço ao outro não significa anular a si mesmo. Não é, em hipótese alguma, uma linguagem instrumental, pois o ‘outro’, juntamente com o conteúdo semântico expressado linguisticamente, são as prioridades do processo comunicativo. É uma linguagem interessada no universo simbólico do outro, partindo do reconhecimento de que esse universo simbólico só se torna acessível a partir de um relacionamento profundo e simpático entre os pares dialogais. Em síntese, esse é o ‘momento’ em que, com uma consciência já mais amadurecida, entende-se ser somente pelo contato com o ‘diferente’ que a própria identidade pode manter-se ricamente viva, pulsante.

Considerações Finais

Esses são três modelos, três ‘momentos’, três tipos linguísticos bastante perceptíveis na área do ER. Essa tipologia da linguagem que foi apresentada, assim como qualquer outra, não pretende dar conta de toda a complexidade da linguagem seja na aula de ER, seja na

¹⁴ “To cross the boundaries of one’s own culture without realizing that another culture may have a radically different approach to reality is today no longer admissible.” PANIKKAR, 1979, p. 9.

¹⁵ Esse é o axioma que Panikkar chama de ‘regra de ouro da hermenêutica’.

¹⁶ PANIKKAR, 1979, p. 9.

¹⁷ “Diatopical hermeneutics is not objectifiable, because it considers the other an equally original source of understanding.” PANIKKAR, 1979, p. 9.

produção didática para esse componente curricular. Se, entretanto, com essa contribuição, o professor de ER sentir-se um pouco mais instrumentalizado para avaliar sua própria linguagem, bem como aquela dos materiais didáticos de que dispõe, esta proposta terá alcançado seu objetivo.

O delicado domínio das identidades religiosas que o ER pretende abarcar exige um modelo epistemológico próprio, uma linguagem singular, uma atitude hermenêutica disposta a encontrar novos horizontes de inteligibilidade e, se possível, fundi-los em uma leitura da realidade mais ampla, que inclua cada pedacinho de realidade vivida por professores e alunos. É aí que a hermenêutica diatópica de Panikkar torna-se viável, pois ela parte da intuição dessas necessidades. Quando o ER estava circunscrito ao domínio confessional, a tarefa, ao menos do ponto de vista hermenêutico, era bem mais simples. As identidades religiosas presentes na sociedade, bem ou mal, podiam ser definidas pela via doutrinal. Por exemplo, o ‘verdadeiro cristão’ deveria crer, entre outras coisas, na Ressurreição de Cristo. Mas hoje, um conjunto enorme de identidades convivem socialmente em igualmente enorme permuta simbólica.

A situação hoje é mais complexa. [Na mesma sociedade convivem] [...] um Budista que não acredita em Deus algum, mas que tem uma religião altamente desenvolvida e refinada; um Hindu que não faz objeção à Ressurreição de Cristo; um teólogo secularista ou um ocidental moderno que chama a si mesmo de cristão, mas que não aceita nem Deus, nem a Ressurreição como compreendida tradicionalmente.¹⁸

Eis o desafio que a hermenêutica diatópica de Panikkar lança sobre nós interessados no ER: Encarar toda essa complexidade!

Referências

BRASIL. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei N. 9394/96*. Brasília: Congresso Nacional, 1996 [com atualizações referentes ao período entre a publicação e a data de acesso]. Disponível em: <http://www.planalto.gov.br/CCIVIL_03/L9394.htm>. Acesso em: 04 jul. 2012.

¹⁸ “The situation is today more complex. [...] a Buddhist who does not believe in any God whatsoever and yet has a highly developed and refined religion; a Hindu who does not object at all to the Resurrection of Christ; and a secularist theologian or a modern Westerner who calls himself a Christian and yet accepts neither God nor the Resurrection as traditionally understood.” PANIKKAR, 1979, p. 328.

_____. Presidência da República. Casa Civil. Subchefia para Assuntos Jurídicos. *Lei N. 5,692*. 11 ago. 1971. Disponível em: <<http://www.planalto.gov.br/ccivil03/leis/L5692.htm>>. Acesso em: 04 jul. 2012.

PANIKKAR, Raimon. *Myth, faith and hermeneutics – Cross-cultural studies*. New York: Paulist Press, 1979.

PASSOS, João Décio. *Ensino Religioso – construção de uma proposta*. São Paulo: Paulinas, 2007.

RAMOS, Marcos Wiliam. *Modelos de Ensino Religioso: contribuições das ciências da religião para a superação da confessionalidade*. Dissertação. Belo Horizonte: 2010.